

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCACAO - FAE
ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL
NA ESCOLA - EPPIR
ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA - ACP

Gisele Cristina de Oliveira

IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: OS CABELOS SÃO CRESPOS SIM!

Belo Horizonte
Abril de 2016

GISELE CRISTINA DE OLIVEIRA

IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: OS CABELOS SÃO CRESPOS SIM!

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR), na perspectiva da Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Michele Lopes da Silva
Alves

Belo Horizonte

Abril de 2016

GISELE CRISTINA DE OLIVEIRA

IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: OS CABELOS SÃO CRESPOS SIM!

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR) na perspectiva da Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito para obtenção do título de Especialista.

Prof.^a Mestre Michele Lopes da Silva Alves – UFMG (Orientadora)

Prof.^a Ana Amélia de Paula Laborne – UFMG (Banca examinadora)

Belo Horizonte
Abril - 2016

Cuidar dos cabelos é antes de tudo cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É por extensão. Cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar tudo o que a cabeça representa para a pessoa e para o seu grupo. E no sentido coletivo, é vivenciar o que cada penteado comunica em relação ao seu reconhecimento social, a identificação de uma festa, de um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual.

Raul Lody

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que cuidou da casa e da minha família, para que eu pudesse vivenciar essa escrita.

Meu esposo, meu companheiro e apoio incondicional. Que me acompanhou à Universidade inúmeras vezes, deixando seus afazeres para que o nosso pequeno Davi não ficasse sem amamentar.

Minha família pelo apoio na execução do tema e também nas dicas de atividades a serem desenvolvidas com meus alunos.

Minha orientadora Michelle Alves. Suas críticas construtivas foram fundamentais para que pudesse continuar e superar meus limites.

A toda as pessoas que decidem resgatar suas origens e aprendem valorizar-se e reconhecerem-se identidade afro-brasileira.

RESUMO

Este trabalho acadêmico trata da questão da identidade capilar afro-brasileira. A metodologia utilizada foi levar para a escola a Lei 10.639/03, textos em prosa e em verso, vídeos e depoimentos que trazem como tema os cabelos crespos. O objetivo foi fomentar a discussão dos estudantes da EJA, em relação à história, importância e significado dos cabelos, no tocante a construção da identidade humana, principalmente da identidade negra. Pois, pouco se fala sobre a sua representação, assim como, o que cada estilo deseja passar para a sociedade, como o indivíduo se vê, e como ele é visto por ela a partir da opção do estilo de cabelo adotado. O corpo humano constitui uma maneira de expressar a trajetória de vida de cada um, culminando em sua história através de suas escolhas, podendo estas serem diagnosticadas através das vestes, do modo de andar, de falar assim como, o estilo do cabelo, constituindo desta forma, uma maneira de expressar suas opções culturais, sociais e políticas. Neste sentido, a proposta de trabalho trouxe, para a sala de aula, um tema instigante, que mexeu bastante com a identidade dos estudantes e isso fez com que ele participasse das atividades desenvolvidas. De acordo com os resultados obtidos, foi possível constatar a relevância dessa proposta pedagógica, uma vez que se percebeu conforme a participação dos alunos, a crítica em relação aos assuntos discutidos. Diagnosticou que várias pessoas sofreram discriminação na escola, por conta da sua aparência e sua opção referente ao estilo de cabelo, deixando de certa forma cicatrizes em seu interior, em razão das citações negativas reveladas. Mas, notou-se também como muitos alunos são donos de sua história, da sua identidade, principalmente aquelas caracterizadas pela valorização dos cabelos e do corpo.

Palavras-chave: cabelo, identidade, cultura.

ABSTRACT

This scholarly work addresses the issue of african-Brazilian hair identity. The methodology used was to bring to school the Law 10.639 / 03, prose and verse, videos and testimonials that bring the theme frizzy hair in order to foster discussion of people in relation to the history, importance and significance of hair regarding the construction of human identity, particularly of black identity, because little is said about their representation, as well as what each style you want to move to the society as the individual sees, and how it is seen by her to from the adopted hair style option. The human body is a way to express the life story of each one, culminating in its history through their choices, and these may be diagnosed through the clothes, the way of walking, talking as well as hair style, making this way, a way to express their cultural options, social and political. We can say that the body is socially constructed, biologically and symbolically into the culture and history will which the individual is inserted. The proposed work brought to the classroom has thought-provoking, which moved fairly with identity of students and this caused him to take part of the activities. According to the results, it was possible to see the relevance of this pedagogical proposal since it was perceived as student participation, criticism regarding the issues discussed also was diagnosed several people suffered discrimination at school because of their appearance and their choice related to hair style, leaving somehow scars inside, due to the revealed negative quotes. But also noted it as many students are masters of their history, their identity, especially those characterized by the appreciation of the hair and body.

Keywords: Hair, Identity, culture.

LISTA DE FOTOS

Foto 1.	58
Foto 2.	58
Foto 3.	58
Foto 4.	59
Foto 5.	60
Foto 6.	60
Foto 7.	60
Foto 8.	61
Foto 9.	61
Foto 10.	61

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Classificação dos tipos de cabelos.....	29
Imagem 2 - Estudante Vítima de Racismo.....	37
Imagem 3 - Identidade Negra e Racismo.....	42

Sumario:

I -Introdução:	11
II - JUSTIFICATIVA	15
IV - Contextualização da emergência da prática pedagógica de valorização do cabelo Afro.	18
I.1 - Cabelos Crespos Naturais: marcas identitárias de conquista do processo de luta dos movimentos negros.....	21
1.2 A classificação dos tipos de cabelos no Brasil e no mundo	27
II - Os cabelos Black Powers - símbolo de resistência	30
III - ELABORAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	31
IV - OBJETIVOS GERAIS	32
4.1OBJETIVOS ESPECÍFICOS	33
V - PLANEJAMENTO DA SEQUENCIA DIDÁTICA.....	33
VI - Avaliação e Análise Crítica Geral da Prática Pedagógica	43
VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
VIII- Referências Bibliográficas	48

I -Introdução:

A ideia do desenvolvimento do tema, Identidade afro-brasileira: os cabelos são crespos sim, nasceu de minha própria vivência. Afinal, lidar com os fios encaracolados e volumosos, que normalmente viram marca registrada, é para muitas pessoas mais difícil e inseguro do que enfrentar os danos provocados pela química dos alisamentos.

Ao focar nos sujeitos que têm cabelos crespos e que mudam as aparências dos fios, principalmente com produtos químicos, procurei identificar na escola quem são esses sujeitos e porque os modificam. Procurei também focar nos sujeitos que aceitam seu próprio fenótipo de cabelo crespo e que desafiam e enfrentam o preconceito racial, como por exemplo, se são vítimas de práticas racistas ou pelo contrário, se não há racismo por causa da textura dos cabelos.

Antes, havia buscado trabalhar outra temática: a poesia negra e afro-brasileira. Mas encontrei vários obstáculos na escola pretendida, como: incompatibilidade de horários para o desenvolvimento da prática pedagógica, já que tinha que contar com a cessão de horários de outros professores, pois estava em licença maternidade. Entretanto, talvez o principal deles tenha sido a resistência da equipe gestora em aceitar o desenvolvimento de um trabalho que envolvesse questões étnico-raciais. Essa foi, portanto, minha maior indignação, já que se tratava da escola onde eu contava com maiores cargas de trabalho e número de turmas.

Pensar um novo tema pareceu-me loucura. Mas para tanto, fiz uma retrospectiva desde quando minha mãe começou a alisar meus cabelos para assim poder compreender os sujeitos alunos a partir de minha história de vida, quando criança. Uma criança que cresceu alisando os cabelos, porque dentro da casa em que morava, todas as outras pessoas tinham textura de cabelo liso. Uma criança que ouvia piadas como seu cabelo é duro, de bombril, areia até panela. Diante disso, não tinha escapatória e alisava os fios crespos e, até pouco tempo atrás, continuava a modifica-lo porque se tratava de um costume e pronto.

Hooks (2005) depõe sobre sua juventude e desejo de menina negra e a forma como ela e a família lidavam com os cabelos crespos. Ela defende a ideia de que alisar os cabelos mescla a identidade afro:

Não íamos ao salão de beleza. Minha mãe arrumava os nossos cabelos. Seis filhas: não havia a possibilidade de pagar cabeleireira. Naqueles dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos. HOOCKS (2005:3)

Procurei pensar no conceito de identidade neste trabalho como um processo, uma construção que está vinculada ao tempo e à sociedade aos quais o indivíduo pertence. Jacques d'Adesky (2001:76) destaca que a identidade, para se constituir como realidade e pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas com os outros.

Gomes (2002) afirma que identidade negra é um processo que não se dá apenas a começar pelo olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa, conflituosa e complexa que este artigo privilegia, vendo-a a partir da mediação realizada pelo corpo e pela expressão da estética negra.

Depois de estudar e refletir sobre minha identidade e meus cabelos, decidi mudar-me, ou melhor, aceitar-me e daí passei a identificar pessoas que também se aceitavam, que também pudessem ter vivido uma trajetória frustrante de racismo acerca de seus cabelos crespos sem querer, assim como os meus.

Agora, enquanto profissional parei e refleti sobre as ideias de Gomes (2002) que diz que

(...) construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos

nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? GOMES (2002:43)

Para isso, escolhi o público discente adulto da Escola Estadual Augusto de Lima, modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos. Escola na qual fui estudante nos anos finais do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio. Lugar também onde foi sendo criadas as marcas do racismo, que eu carreguei por causa de meus cabelos crespos alisados. Lugar, no qual a evasão de alunos negros era grande, mas eu nunca entendia o porquê. Abramowicz e Gomes (2010) afirmam que estudos têm mostrado que alunos negros têm dificuldades para permanecerem na escola, sendo que os que apresentam as maiores taxas de evasão. E por que será que essa evasão acontece? Quais as razões que levam crianças, adolescentes, jovens e adultos negros a evadirem da escola? O que a escola tem feito para permanecia? Para evitar a evasão? Resposta nem sempre encontramos, mas quanto resgato minha trajetória começo a encontrar e compreender possíveis respostas, talvez, que persistem até tempos atuais.

Ao longo de minha trajetória de estudante, que ainda sou, vivi e/ou presenciei o racismo frequentemente. E mais tarde como profissional da educação também. Quero dizer que, desde sempre, por causa dos cabelos crespos sofri racismo, mas não desanimava. Na divisão de grupos de trabalho escolares, na seleção de estudantes para desfile em comemoração a Independência do Brasil e nas inúmeras homenagens das quais a Escola Estadual Augusto de Lima promovia, eu presenciava e vivia o racismo. Lembro-me das duplas de gêmeas que havia na época, loiras, cabelos lisos, magras e olhos claros, sempre eram convidadas para participarem das festividades, quando preenchiam todas as vagas com os padrões de beleza desejados, aí sim, perguntavam quem mais queria participar.

Gomes (2003) faz uma menção importante sobre a atenção de profissionais da educação sobre alunos negros

Nem sempre os professores e as professoras percebem que, por detrás da timidez e da recusa de participação de trabalhos em grupos, encontra-se um complexo de inferioridade construído, também, na relação do negro com a sua estética durante a sua trajetória social e escolar. GOMES (2003: 24)

Uma vez apareceu um lugar para prestação de homenagem a um santo padroeiro, alguém da secretaria foi na sala perguntar quem queria e um aluno falou: *Vai Gisele!*

Eu, porém, disse não, porque eu não queria ser deboche para ninguém, não fui convidada antes e meu cabelo não dava para fazer o penteado de coque exigido, a funcionária me olhou fixamente e saiu. Desde esse dia em diante, sempre me perguntavam se eu queria participar e aí eu amava dar não. Foi assim até me formar e tornar professora, dessa instituição escolar, onde pude realizar inúmeros trabalhos pedagógicos até então.

Um dos trabalhos que realizei, na escola que leciono, Escola Estadual Augusto de Lima, foi o projeto “Identidade Afro-brasileira: meus cabelos são crespos sim”. Proposta que desenvolvi a partir de minha experiência e vivência escolar e de vida sobre a condição da vida negra e, sobretudo, a partir de meus estudos e saberes aprimorados no curso EPPIR – Especialização de Políticas da Promoção da Igualdade Racial. Portanto, a análise crítica da prática pedagógica foi feita acerca deste trabalho e apresentado neste trabalho final de conclusão de curso. Para tanto, o trabalho foi organizado e estruturado em nove capítulos.

No primeiro, procuro justificar as razões que me conduziram a feitura dele, o contexto escolar, sua realidade e as possibilidades de um fazer pedagógico. No segundo discorro a respeito dos cabelos black- powers, penteado que simbolizou durante algum tempo tentativa de reconstituição da África, integrando um processo de luta contra-hegemônico e ajudou a redefinir a classificação racial do povo negro norte-americano, não mais como negros, mas como afro-americanos.

No terceiro falo da elaboração da prática pedagógica e os caminhos que segui para construção do desenvolvimento das atividades com a parceria da professora que me cedeu os horários para o desenvolvimento das atividades.

Do quarto ao sexto capítulo descrevo as etapas e o desenvolvimento da prática pedagógica. Em seguida faço um fechamento de tudo o que aprendi com as leituras, com minha prática pedagógica e com os sujeitos envolvidos nela. Logo mais, no oitavo capítulo cito as referências que fundamentaram o desenvolvimento das atividades e por último, no nono capítulo, exemplifico com fotos e textos algumas das atividades relevantes durante meu trabalho.

II - JUSTIFICATIVA

A finalidade desse trabalho foi provocar nos estudantes do Ensino Médio, da modalidade EJA, uma reflexão crítica daquilo que eles muitas vezes escondem sem perceber ou com tal intenção: suas origens afro-brasileiras a partir dos cabelos crespos. Origens negadas muitas vezes pela raspagem dos cabelos por parte dos homens e o alisamento por parte das mulheres.

O cabelo do afrodescendente certamente é parte embaraçosa do perfil estético que compreende a identidade negra para quem procura negá-lo, embora a relação que cada um tem com seu cabelo seja muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes razões sobre a forma como encaram seus cabelos.

De acordo com o antropólogo Munanga (1994), identidade é processo de construção real de si com demais pessoas, presente em realidades distintas de quaisquer sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição identitária) e a definição dos outros (identidade atribuída e projetada) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

Nas escolas, os textos e as imagens que falam sobre as texturas dos cabelos são sempre assuntos entre alunos, porque os cabelos representam uma identidade bastante visível. Piadas de mau gosto, xingamentos e práticas racistas muitas vezes estão ligados à textura capilar, principalmente nas conversas e relações entre meninas.

Gomes (2008) afirma que:

Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não

podem ser considerados simplesmente como dados biológicos.
(GOMES, 2008:54)

A escola é um dos espaços, no qual é possível notar facilmente práticas racistas por causa das texturas dos cabelos. Por conta disso, este trabalho originou-se de várias ações pelas quais observei que muitos alunos tinham dificuldade em assumir: sua identidade capilar crespa.

Silva (2000) aponta que

Os cabelos crespos das crianças afrodescendentes são identificados como cabelo “ruim”, primeiro pelas mães, que internalizaram o estereótipo; e, na escola, pelos coleguinhos, que põem os mais variados apelidos nas tranças e nos cabelos crespos ao natural. Trabalhar a razão de ser dos diferentes tipos de cabelo, ensinar como tratá-los, realizar concursos de penteados afros, trazer trançadeiras para trançar na sala de aula, são algumas atividades que podem desconstruir a negatividade atribuída à textura dos cabelos crespos.
SILVA (2010: 10)

Fomentei a prática pedagógica em torno da história, a importância e o significado dos cabelos no tocante a construção da identidade humana, principalmente da identidade negra, pois pouco se fala sobre a representação deles, assim como cada estilo é refletido na sociedade. Como o indivíduo se vê e como ele é visto por ela, a partir da opção do estilo de cabelo adotado, para aquele corpo que expressa uma identidade.

Quero dizer com isso que o corpo humano constitui uma maneira de expressar a trajetória de vida de cada um. A culminância de suas histórias de vida, através de suas escolhas, podendo estas serem diagnosticadas através das vestes, do modo de andar, de falar, assim como o estilo do cabelo, constituem desta forma, uma maneira de expressar suas opções culturais, sociais e políticas.

Pode-se dizer que o corpo é construído socialmente, biologicamente e simbolicamente dentro da cultura e da história na qual o indivíduo está inserido. Mas, às vezes, a cultura e a história dos indivíduos são frustradas e frustrantes que fazem com que esses mudem suas origens fenotípicas. E diante disso, justifica-se a necessidade do desenvolvimento dessa prática, que se limita aos cabelos: porque descaracterizar a aparência natural dos cabelos crespos pelo processo de alisamento, trata-se falar da identidade de quem o carrega. É uma forma de compreender como a sociedade lida com as características negras e o porquê de lhe impingir a estética branca.

Segundo Gomes (2002) os cabelos crespos e o corpo negro são considerados as expressões simbólicas da identidade negra no Brasil, pois juntos eles fomentam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão intrínseca a população negra. São expressões de que “ser negro, é ser lindo”!

Por isso, valorizar e compreender suas construções biológicas possibilita compreender como este corpo e, sobretudo cabelos, recebem significados políticos, sociais e culturais. Perante a população negra, os cabelos crespos e os corpos negros, fazem parte da construção e consolidação de nossa cultura afro-brasileira.

No Brasil, a cor ou raça é autodeclarada ao responder ao Censo Demográfico ou outras pesquisas. Cada um diz se é preto, pardo, branco, amarelo ou indígena. Essa afirmação normalmente se relaciona à cor da pele e a outras características físicas, não à ancestralidade. É comum, por exemplo, que um filho de pai ou mãe negra, mas que tem a pele mais clara, se declare branco. Em outros contextos, que não o da pesquisa, assumir a negritude é um ato político: trata-se de tomar para si a história e cultura do grupo, suas raízes, suas lutas.

Ribeiro (2012) coloca que a exemplo dos demais países da região, o Brasil estrutura-se a partir de uma realidade multirracial, multicultural, multirreligiosa e pluriétnica. Essa diversidade constitui-se num elemento extremamente positivo. No entanto, seus méritos estão prejudicados pelas marcas históricas de discriminação e de exclusão, que se traduzem na transformação das diferenças sociais, culturais e raciais em geradoras de desigualdade, que nesse processo se agravam em razão da má distribuição de riquezas.

SOUZA (1990:77), afirma que ser negro no Brasil é tornar-se negro. É um processo doloroso de aprendizagem, porque o negar-se é algo que se aprende para sobreviver na vida social. Assim, para entender o “tornar-se negro” num clima tenso e complexo de discriminações raciais, é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico.

É perfeitamente notável a textura dos cabelos nas pessoas, assim como a cor da pele na construção da identidade negra, fato que determina de maneira marcante como o povo negro se vê e como ele é visto perante a sociedade. Porém, dependendo do contexto social, histórico e cultural em que o povo negro esteja inserido, os cabelos continuam sendo vistos como marcas de inferioridade. Isto é, nomeiam-se as texturas

dos cabelos como sendo boas ou ruins e classificam as pessoas a partir disso, da mesma forma.

IV - Contextualização da emergência da prática pedagógica de valorização do cabelo Afro.

As atividades relacionadas aos estereótipos raciais, como a inviabilização de identidades estudadas no Módulo V - Relações Étnico-Racial e a Questão Racial na Sala de Aula: Estereótipos raciais e a invisibilização de identidades, proporcionaram reflexões relevantes sobre as relações raciais no Brasil e para o desenvolvimento desta prática pedagógica.

O cabelo crespo é um dos aspectos fisiológicos da população negra que, por se destacar e ser visível faz com essa população tenha muitos estereótipos a partir dele e a identidade negra seja invisível ou negada. Diante disso, procurou-se estudar, neste trabalho, o uso dos cabelos naturais crespos como identidades natas e a relação do uso destes de forma natural no combate ao racismo. A partir das leituras, foi desenvolvida uma prática pedagógica sobre o tema denominada de: Identidade Afro-brasileira – os cabelos são crespos sim!

O racismo na escola tornou e torna ainda mais forte a inviabilização de identidades em relação aos cabelos:

Justamente na escola, onde se deveria combater disseminação de preconceitos, lugar de trabalho acerca do conhecimento e de enriquecimento cultural, percebe-se a reprodução de situações de conflito em relação às questões raciais. A cultura de se contextualizar a figura da criança e do jovem negro a estereótipos negativos compromete de forma inquestionável seu aproveitamento e seu sucesso escolar (MUNANGA, 2000:18).

Por isso, é urgente intervenções e enfrentamentos sobre todas as formas como ocorrem tal inviabilização e como dificultam as relações raciais, desde a aceitação até o convívio de pessoas que têm cabelos crespos, partindo do pressuposto que a maior parte

das pessoas do universo escolar não são vistas, nem se veem como racistas ou preconceituosas. De acordo com Gomes (2008):

“O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também visto, nos espaços onde foi realizada a pesquisa, no sentido de uma revalorização, o que não deixa de apresentar contradições e tensões próprias do processo identitário. Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil.” E para compreensão dessa história são necessárias muitas ações pedagógicas interventoras: reflexão e estudo, mapeamento e enfrentamento. GOMES (2002:2):

Abramowicz e Gomes (2010) chamam atenção para a forma como os livros didáticos são relevantes para a questão da autoestima em crianças e negras.

A forma como os livros didáticos e suas possíveis consequências na autoestima das crianças negras são apresentados, nos leva a ideia de causa-consequência, mas o livro didático é apenas uma das formas de representação utilizadas e por isso, não deve ser preponderante quando esse aparece de forma isolada. ABRAMOWICS E GOMES (2010:16)

No contexto brasileiro é possível perceber uma grande variedade de fenótipos, que é o conjunto de características físicas, morfológicas e fisiológicas de um organismo, mas também é onde o conjunto cor da pele e cabelo se torna um dos principais divisores de água, no que diz respeito à classificação do que antes chamávamos de raça na perspectiva biológica.

Gomes (2002), ao discorrer sobre o corpo e o cabelo como símbolos da identidade negra, menciona que o fenótipo de uma pessoa não pode ser considerado como um simples conjunto de elementos biológicos, porque são eles que expressam racismo e desigualdade racial. A autora considera que raça, no contexto brasileiro, trata-se uma dimensão política e histórica, pela qual a construção identitária do que é ser negro, ainda guarda resquícios e legado do passado escravocrata acerca do que o povo negro passou e passa todo dia, pelas discriminações raciais.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2010) a maior parte da população de brasileiros em sua totalidade são pretos e pardos. No entanto, conforme afirma Felix (2014) o padrão de beleza corporal é branco. No Brasil, para além da origem, a cor da pele, a textura do cabelo e os traços físicos são

características fundamentais para determinar se um indivíduo pode sofrer mais ou menos racismo.

É possível perceber na obra “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil” (1999), de Munanga, que não podemos ter por base uma identidade nacional que parta de uma única cultura (a ocidental), considerada superior. Buscar uma identidade brasileira múltipla, diferente do discurso oficial que a define como mestiça, com o propósito do branqueamento, renegando outras culturas tão importantes para a identidade brasileira é algo imprescindível. Munanga nos convida a repensar os valores estabelecidos na sociedade brasileira, incluindo neste contexto a diversidade cultural e identitária, para que a mesma se torne mais justa para todos, levando em consideração os múltiplos aspectos que a constituem, de modo que as “minorias” que formam um grande contingente de excluídos historicamente sem voz ativa na sociedade possam ser respeitadas.

Para Laborne (2014:7/08), o conceito de raça continua a operar nas relações sociais, na medida em que continuamos a classificar as pessoas de acordo com características do fenótipo, tais como: cor da pele, textura do cabelo, traços fisionômicos, etc. Temos aí a construção social das raças.

Ao abordar a temática Identidade Negra: os cabelos são crespos sim, busquei a valorização no e do próprio corpo, mas, sobretudo do cabelo. Procurei investigar de que maneira os alunos se reconheciam como negros, no espaço escolar, através do uso consciente do cabelo afro. Ou seja, natural, sem interferência ou alteração de muita química, principalmente àquele que tem a função de alisar os fios e como isso reflete na imagem do negro brasileiro perante a sociedade e si mesmo. Consistindo, assim, em uma forma de reconhecimento e aceitação de suas origens. Gomes (2002) afirma que:

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a

tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. GOMES (2002:171)

Busquei, entre várias referências, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana- DCNERE's (2004), que instituem e implementam um conjunto de medidas e ações com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro. Também na Lei 10.639/03 que obriga o ensino de História e cultura afro-brasileira, africana e indígena, nos convida a percorrer a memória de lutas sociais e assumir novos desafios ideológicos relativos à educação de novas gerações.

De acordo com Moraes (2010) conhecer nossas origens e nossas raízes é buscar sedimentar nossa identidade ainda inconclusa, e eu acredito que ainda ofuscadas.

Estudar e refletir sobre a África de ontem e de hoje, a história do Brasil contada na perspectiva do negro, com exemplos na política, na economia, na sociedade em geral é um dos objetivos que precisamos alcançar. [...]a constante presença da marca africana dos nossos ancestrais na literatura, na música, na criatividade, na forma de viver e de pensar, de dançar, de falar de rezar e festejar. (MORAES, 2010:7)

A escola é uma instituição que forma gerações e tem como competência de respeitar matrizes culturais e constrói identidades, visando a dignidade do indivíduo, respeitando as especificidades da herança cultural inclusa na infinita diversidade que constitui a riqueza humana.

Neste trabalho, descrevo, discorro e analiso de forma crítica sobre uma prática pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Augusto de Lima, com o grupo de alunos do 1º ano do Ensino Médio por meio de várias atividades que abordaram e contemplaram reflexões sobre a identidade afro-brasileira, sobretudo, a valorização dos cabelos crespos que contou também com ações e atividades dos movimentos negros.

I.1 - Cabelos Crespos Naturais: marcas identitárias de conquista do processo de luta dos movimentos negros

O significado social dos cabelos sempre foi sinônimo de riqueza para maioria das pessoas, de maneira que os aspectos estéticos que os cabelos assumem têm lugar de importância na vida cultural de muitas etnias, inclusive da negra e afro-brasileira.

GOMES (2002) cita alguns costumes estéticos capilares africanos que fazem sentido para homens e mulheres:

Na África Ocidental os homens admiram mulheres de fios anelados e grossos. Na Nigéria, por exemplo, um cabelo despenteado significa depressão, sujeira. No Senegal as mulheres gostam de cabelos longos e lustrosos. (GOMES 2002:411)

Para a autora essa crença no poder espiritual do cabelo cultuada deixou influencia na identidade afro-brasileira, pois identifica poder do corpo, quer seja no sentido religioso, como no uso de turbantes, lenços ou tranças, quer seja no sentido de intimidade ou arte com o próprio corpo.

É importante entender que a colonização e imperialismo europeu no continente africano desde o século XVI significou um ato de violência, já que uma das atitudes marcantes no período de escravização foi a raspagem dos cabelos, onde a intensão europeia era justamente provocar a perda da identidade dos cativos. Sobre isso GOMES afirma

Era uma tremenda humilhação para um africano ser capturado por um membro de outra etnia ou por um mercador de escravos e ter seu cabelo e sua barba raspados, dando-lhe aparência de um prisioneiro de guerra... Nesse sentido, quanto mais elementos simbólicos fossem retirados, capazes de abalar autoestima dos cativos, mais os colonizadores criavam condições propícias para alcançar com sucesso a sua empreitada comercial. (pag.420)

Ao refletir sobre a herança capilar africana deixadas na brasileira, pensei na atitude de raspagem dos cabelos na atualidade, se talvez seria uma nova forma de identidade ou quem sabe um a consequência das inúmeras barbáries europeias, como forma de inviabilizar a identidade africana também no Brasil. Mas conforme BYRD e THARPS (2000, pag.16-17) citada por GOMES (2000, pag.421)

No decorrer dos anos o contato com os brancos e com outros povos do Novo Mundo trouxe para o negro e para a negra

maneiras e inspirações diferentes de lidar com o cabelo. Dos penteados elaborados, repletos de simbologia até imitação dos estilos de cabelos dos brancos adaptada aos cachos do cabelo crespo, uma longa história de transformação foi sendo, aos poucos, construída da qual somos, hoje, os herdeiros. (GOMES 2002:421)

Foi a partir daí que nasceram as formas de alisamento dos cabelos, pois um padrão de estética marcou com austeridade aquilo que era considerado como belo. O olhar do branco classificou o cabelo do negro como ruim, duro e a forma encontrada para atender o padrão de estética era senão, a raspagem ou o alisamento.

Muitas foram as técnicas usadas por pessoas de cabelos crespos para tornar os fios mais lisos: pasta a base de soda cáustica, toucinho com folhas de hortelã e pano aquecido para esticar os fios, os homens ainda usavam graxa dos eixos das rodas de vagões para obter resultados de tintura e alisamento, manteiga, gordura de porco, faca quente até as técnicas mais modernas do século XXI como o *babyliss*, a prancha e ferro *marcel*.

É interessante pensar que embora as técnicas de alisamento tenham se aprimorado, muitas práticas antigas, ainda são utilizadas, e isso serve pra uma outra reflexão, que é a condição do negro na sociedade.

Contudo é preciso salientar a existências de salões étnicos, espaço de nos quais a identidade crespa é reconhecida. GOMES (2002) afirma que

Os salões étnicos são espaços que expressam esse movimento e esse processo. Podemos dizer, então que os salões étnicos e suas práticas não nos falam apenas da modernidade, da estilização de penteados, da reprodução da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, mas também de processos de resistência. (GOMES2002: 24)

Nesse sentido é necessário acrescentar que neste século XXI estamos diante das recriações dos valores dos cabelos crespos, seja nos salões étnicos ou em casa, os cabelos crespos estão evidenciando uma tradição africana deixada no Brasil e que mesmo que ainda tenha muito quer ser assumida, vem sendo identificada e aceita.

É evidente que apenas a adoção do estilo de cabelo natural crespo não significa a adoção da identidade negra. A construção da identidade se dá através de vários

mecanismos sociais e culturais pelas quais o povo negro vai se familiarizando com a chamada cultura negra e com a causa de valorização do grupo racial.

Os movimentos negros têm papel fundamental neste processo de construção de identidade, visto que também é através deles que várias conquistas em prol dos negros são conseguidas. Além disso, os movimentos negros permitiram a difusão de discussões sobre o que é ser negro em um país, onde o mito da democracia racial já está impregnado na sociedade.

Os movimentos negros são uma série de movimentos realizados por pessoas que lutam contra os preconceitos e a escravidão. Eles têm o objetivo de resgatar a memória de um povo que batalhou por sua liberdade. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu primeiro artigo, diz que *“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos...”*. Por séculos da história do mundo, os negros não experimentaram esse direito.

A mobilização do povo negro se deu logo após a abolição da escravatura, em 1888. (Gonzaga, 2014). Antes disso, os movimentos eram clandestinos e tinham como principal objetivo libertar os negros, como as revoltas que aconteciam e as fugas para os quilombos. Mesmo após a abolição da escravidão a situação dos negros não mudou a "marginalização" dos afrodescendentes continuou ocorrendo.

Gonzaga (2014) ressalta a importância das resistências negras na afirmação da identidade negra

A importância das mesmas se revela pelas suas bandeiras de luta, que pautam a garantia de direitos para a população negra, como uma ação que deve ser assumida pelo Estado. Tais bandeiras, que foram incorporadas e vêm sendo ressignificadas ao longo do tempo pelos/as ativistas negros/as, têm interrogado o posicionamento assumido pelas classes dirigentes do Estado brasileiro e suas práticas. Essas bandeiras, após intensas pressões, vêm sendo respondidas através da proposição e aprovação de Leis cujos conteúdos podem ser interpretados como antirracistas e que visam à reeducação das relações raciais no país e à promoção da igualdade racial. (GONZAGA, 2014:09)

Para a pesquisadora as resistências adquiriram formas de lutas diferentes, já que num primeiro momento buscou-se a liberdade e a sobrevivência, e agora as lutas são para o resgate e preservação dos valores culturais trazidos da África e ressignificados no Brasil. Para ela, as resistências representam um choque de encontro com o mito da democracia racial. Termo que se configura por acreditar que a população brasileira

convive harmoniosamente sem conflitos raciais, de maneira que a discriminação racial se torna irrelevante. Associada à mesma ideia Gomes (2012) afirma que “o mito da democracia racial” pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica, que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil, como fruto do racismo. Para isso Gomes (2012) afirma que existem entre estes dois grupos raciais (negros e brancos) situações de desigualdades, oportunidades e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial, para que o outro lado, brancos, se mantenham privilegiados e beneficiados pelas desigualdades e o próprio racismo.

Warren (apud Petrônio Domingues: 2007, p.101) define que o:

(...) Movimento negro é a luta dos negros, na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a questão racial, é, por conseguinte uma questão de identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras para o movimento negro, a "raça" é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação.

Bento (2011) afirma que desde meados do século passado, o Movimento Negro Brasileiro preocupa-se com o papel desempenhado pela educação na reprodução de estereótipos e preconceitos, buscando instituir mecanismos jurídicos de promoção da igualdade racial. Na realização da Convenção Nacional do Negro pela Constituinte, promovida pelo Movimento Negro Unificado - MNU - em conjunto com várias entidades negras de todo o país, em Brasília, em 1986, os participantes aprovaram uma série de proposições que foram inscritas na Constituição de 1988. Tratava-se de um expressivo leque de conquistas jurídicas, dentre as quais a previsão de que o ensino de história deve levar em consideração “a contribuição das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro”¹ e o “respeito devido pela educação aos valores culturais”².

Nota : 1 Constituição Federal, art. 242, § 2º.

2 Constituição Federal, art. 210.

Um ícone que foi destaque para o respeito e valorização cultural negra foi o cabelo “black power”, usado como símbolo de resistência e pertencimento afro-brasileiro, nos anos 60 até 80, antes que a indústria de cosméticos implantasse definitivamente a ideologia do alisamento ou afro-permanente. Este último, também ocorria por alisamento, mas o resultado final nos cabelos eram fios “cacheados”.

Não obstante, deve-se ressaltar que a utilização do cabelo afro como foco de intervenções pedagógicas tem importância no contexto escolar e na formação humana, pois demarca a conquista da corporeidade. Na sociedade, o uso natural desse pelo povo negro, desconstrói a visão de ser subjugado e visto como inferior. Realça sua beleza afro, negra e expressa sua origem. Foram o que os Panteras Negras, bem como demais movimentos negros brasileiros buscaram manifestar socialmente e culturalmente.

A conquista da equidade se dá através de pequenos passos, pelos quais o principal dele é a aceitação de ser negro e o entendimento do que é ser negro. Para além disso, isso o possibilita ter um pertencimento étnico-racial e uma identidade nacional afro-brasileira.

Munanga (1988) discorre sobre o uso e sentidos de ser negro para a construção da identidade negra. A partir da década de 1980, o autor inicia uma jornada intelectual sobre a tentativa de compreender as influências pontuais acerca da construção da identidade negra no Brasil, visto que o tema é dinâmico, polêmico e envolve diferentes acepções.

Sem a escravização e a colonização dos povos negros da África, a negritude, essa realidade que tantos estudiosos abordam não chegando a um denominador comum, nem teria nascido. Interpretada ora como uma formação mitológica, ora como um movimento ideológico, seu conceito reúne diversas definições nas áreas cultural, biológica, psicológica, política e em outras. Esta multiplicidade de interpretações está relacionada à evolução e à dinâmica da realidade colonial e do mundo negro no tempo e no espaço (MUNANGA, 1988, p.5).

A multiplicidade de interpretações que ocorre em tempos e contexto distintos de construção da “negritude”, também reflete nas várias formas de usar o cabelo afro, ainda mais tendo em vista estudos atuais que denotam vários tipos de cabelos afros, como busquei tratar na próxima discussão.

1.2 A classificação dos tipos de cabelos no Brasil e no mundo

Muito mais do que simples estética, o cabelo, simbolicamente, representou para os africanos a sua própria identificação. O estilo de cabelo definia suas origens geográficas, a que culto religioso pertencia, seu estado civil, etc. Lody em Cabelos de Axé (2004), identidade e resistência, escreve que:

Cuidar dos cabelos é antes de tudo cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É por extensão cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar tudo o que a cabeça representa para a pessoa e para o seu grupo. E, no sentido coletivo, é vivenciar o que cada penteado comunica em relação ao reconhecimento social, a identificação de uma festa, um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual LODY (2004:100)

Roncolato (2010), cabelereiro especializado em corte afro, narra que quando trazidos para o Brasil, os africanos mantiveram seus cabelos porque, além de todas as suas significações, passaram também a ser vistos como uma forma de resistência cultural. A discriminação, ao longo do tempo, fez com que muitos negros quisessem alisar ou raspar seus cabelos, além de terem buscado diferentes formas para embranquecer sua pele, para serem mais bem aceitos na sociedade dominada por uma cultura estética branca.

É nesse contexto que surgiram os salões de beleza especializados em cabelo afro, que funcionam até os dias de hoje. Um exemplo é o Duza Cabeleireiros, que se instalou no final da década de 1970, no subsolo da Galeria do Rock – repleto de artigos para hip-hop, colares, bermudões, salões de beleza afro, costureiras de bonés, lojas de CDs –, no centro de São Paulo, e que recebe, ainda hoje, uma forte demanda de clientes. Sobre o início dos salões, José Amilton, ou simplesmente Duza, lembra: *“Você vinha de sábado nessa galeria, tinha fila da rapaziada negra esperando para fazer seu cabelo e ir para o Palmeiras curtir as festas de samba rock, musical dançante, as quais existem até hoje”*.

Festas como essas foram também fundamentais para a adesão completa dessa nova noção de que o cabelo afro, os costumes, a pele, seu passado e a estética negra são belos à sua maneira e que, ao contrário do que se dizia, não eram inferiores a nada e a ninguém. Nas noites dançantes, costumavam acontecer concursos, como, por exemplo,

o que escolhia os mais estilos negros e negras da festa. Para conquistar esses prêmios, os salões, como o de Duza, foram fundamentais.

A classificação dos tipos de cabelos foi criada nos Estados Unidos da América e separa cada um dos tipos em categorias, de acordo com a textura do fio. Tal classificação não é um padrão, mas é bastante utilizada no mundo, inclusive no Brasil. Durante o desenvolvimento das atividades da Prática Pedagógica procurei mostrar aos alunos algumas delas.

Salles (2014) afirma que o povo brasileiro é conhecido pela miscigenação, o que influencia diretamente nos tipos de cabelos encontrados no país. Ainda segundo o cabelereiro, ao todo, são oito classificações, o que faz do Brasil o maior em número de variações capilares, afirma. *“Esse fato é muito bom para nós, cabeleireiros brasileiros, porque sabemos lidar com qualquer tipo de cabelo, desde os lisos até os afros”*.

Ainda segundo o cabelereiro os tipos de cabelos no Brasil são classificados da seguinte forma:

- **Tipo 1 ou cabelo liso:** são típicos de etnias mongólicas, orientais, esquimós e indígenas;

"É o cabelo mais desejado pelas brasileiras, porém somente 18% da população nascem com esse tipo de fio. É por isso que os produtos e tratamentos como escovas progressivas de alisamento com formol, alisamentos e relaxamentos fazem tanto sucesso no país". (Salles, 2014)

- **Tipo 2 ou cabelo levemente ondulado:** são típicos dos caucasianos, mas podem ser encontrados em diversas etnias. As mexas onduladas estão em 26% das mulheres no país, mas apenas 15% da população feminina almeja ter esse tipo de cabelo;

- **Tipo 3 ou cabelo ondulado:** "Cabelo mais comum das brasileiras e representa 29% da população",

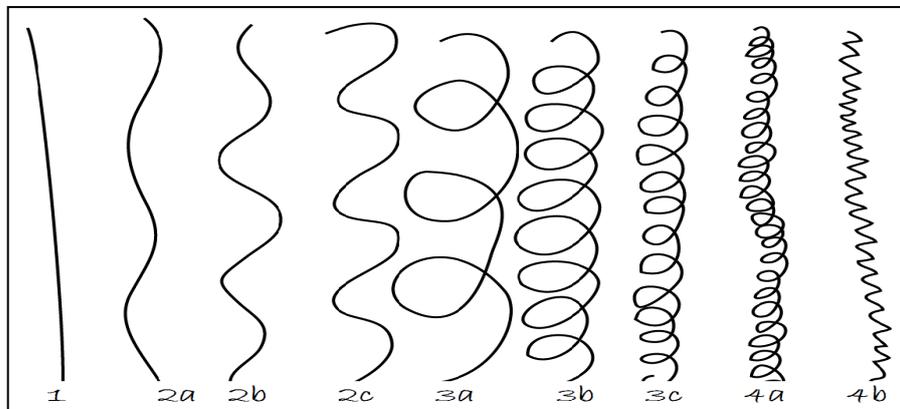
- **Tipo 4 ou levemente encaracolado:** "Tipo de fio que já pode entrar na classificação dos cabelos afros e crespos" Salles (2014). Apenas 8% das mulheres brasileiras possuem essas madeixas;

- **Tipo 5 e 6 ou encaracolado:** "Já é um cabelo afro bem fino e crespo. Apenas 17 % das mulheres têm esse tipo de fio. Salles (2014) ";

- **Tipo 7 e 8 ou cabelo afro:** comuns na etnia negra, possui formato elíptico, bem achatado. "O cabelo afro é o mais raro no Brasil e representa apenas 2% da população feminina. Isso é resultado da grande miscigenação do nosso povo". Salles (2014).

É necessário reconhecer que essas classificações não definem todos os tipos de cabelos existentes, mas pelo menos subdivide as principais texturas e ajudam as pessoas a encontrar formas e produtos adequados para trata-los, sem danificá-los ou terem que recorrer a alterações com químicas.

Outro sistema reconhecido mundialmente é o da classificação criada por Walker (1998) baseado na classificação da textura do fio de cabelo, pela qual quanto maior o número, menor é o cacho criado pelo fio. Walker (1998) deixa muito claro que todo mundo tem bom cabelo, independente da etnia. O seu objetivo era imediatamente desmistificar o ridículo debate que existe entre "cabelo bom" e "cabelo ruim" e mergulhar em uma discussão sobre os diferentes tipos de cabelo. Abaixo se encontram as principais características deste sistema.



Disponível em
<http://www.buhcaixero.com><acessado em 14 de jan. 2015.

As descrições que Salles (2014) faz dos tipos de cabelos diferem-se das de Walker (1998) a partir dos cabelos cacheados. Walker (1998) reúne em menos classificações os cabelos ondulados e cacheados, porém subdividindo-os, assim:

- Na **letra a:** estão os cabelos com padrões de ondulação mais soltos;
- Na **letra b:** o cabelo tem alguma ondulação mais definida;

- A **letra c**: é onde os cachos são os menores e mais definidos de cada grupo.

Fonte: www.cabelocrespoecabelobom.com.br

Então, vêm os números que vão do 1 ao 4:

- O **número 1**: é o cabelo liso, sem ondas. Logo, os cachos começam a ser contados a partir do número 2.
- O **número 2**: é o cabelo com uma leve ondulação.
- O **número 3**: é para cabelos cacheados.
- O **número 4**: é para cabelos crespos, muito crespos, e afros.

Fonte: www.cabelocrespoecabelobom.com.br

II - Os cabelos Black Powers - símbolo de resistência

A trajetória do black power tem início ainda nos anos 20, quando Marcus Garvey, tido como o precursor do ativismo negro na Jamaica, insistia na necessidade de romper com padrões de beleza eurocêntricos e a partir disso promover o encontro dos negros com suas raízes africanas. Black Power (em português: *Poder negro*) foi um movimento entre pessoas negras no mundo ocidental, especialmente nos Estados Unidos. Mais proeminente no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, o movimento enfatizou o orgulho racial e a criação de instituições culturais e políticas negras para cultivar e promover interesses coletivos, valores antecipadamente, e assegurar autonomia para os negros.

O mais antigo conhecimento do uso da expressão "Black Power" veio de um livro de Richard Wright de 1954, intitulado: "*Black Power*". O primeiro uso da expressão em um sentido político pode ter sido por Robert F. Williams, presidente da NAACP – National Association for the Advancement of Colored People escritor e editor da década de 1950 e 1960. A expressão "Black Power" foi criada por Stokely

Carmichael (1970:04), militante radical do movimento negro nos Estados Unidos, após sua vigésima sétima detenção em 1966. "*Estamos gritando liberdade há seis anos. O que vamos começar a dizer agora é poder preto*", anunciou.

Hoje, muitos jovens assimilam a expressão "Black Power" a um estilo de cabelo apenas, sem conhecer todo o fundo histórico e político que existe para a criação da expressão. No entanto, foram as mulheres as grandes protagonistas dessa história. Condiionadas desde o tempo da escravidão a alisar o cabelo, elas bateram o pé e decidiram andar pelas ruas ao natural, o que causou espanto e resistência da comunidade branca.

Diante disso, destaco que ao fazer as pesquisas sobre os tipos de cabelos, minha intenção foi tornar mais prazerosa a atividade da aula três, descrita no Planejamento da sequência didática mais adiante. Mas afinal, qual é a importância dessas classificações e de todos os cabeleireiros afro que se mantêm firme até os dias de hoje? Uma possível resposta, concluo que os salões e cabelereiros não deixam os movimentos de resistências negras morrerem.

A grande questão é entender que o seu cabelo faz parte de quem você é, então é impossível isso representar apenas um estilo ou uma tendência, pois estas mesmas passam, mas a identidade, a pessoa não!

Hoje, o cabelo crespo está realmente sendo mais incorporado na estética habitual, no entanto, a falta de aceitação do uso do natural ainda é esmagadora, principalmente em ambientes profissionais.

III - ELABORAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

As atividades iniciaram no dia 11 de novembro de 2015, com a parceria da ex-professora e amiga que atualmente é professora da Escola Estadual Augusto de Lima, Edwirges Neves, graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, que me cedeu os horários de aulas dela. A professora relatou em conversa, em semanas anteriores a realização das atividades, que desde o ano de 2000, marco do efetivo do exercício dela na escola, desenvolve atividades de ensino relacionadas à Consciência Negra e à Lei 10.639/03,

como também nunca soube de outra atividade relacionada à obrigatoriedade do ensino de história da África na escola realizada por outro professor na escola.

Após refletir sobre a minha vida, observar as aulas de História da professora Edwirges Neves e conversar com os alunos, constatei que um grande número de alunos considerava-na racista (linguagem deles). Intriguei-me, e um tanto surpresa comecei a refletir sobre o que era o racismo que eles afirmam perceber na professora, pois Edwirges é negra, participava de grupos dentro do município de Nova Lima, voltados para a discussão de relações étnico – raciais e desenvolve atividades acerca da temática desde o ano de 2000. Ano que eu cursava o 3º ano do Ensino Médio e era aluna dela. Nessa época, participei de trabalhos voltados para a discussão de relações raciais. Então entendi que os alunos ao colocarem suas opiniões sobre a professora, pouco sabiam sobre aquilo o que ela defendia e acreditava: a igualdade entre brancos e negros era possível.

Decidida a desenvolver uma atividade prática relacionada aos cabelos crespos, comecei a frequentar as aulas de História, na mesma medida em que observava a relação aluno – professor, quando ela tocava no assunto em que nas próximas aulas trabalharíamos “Consciência Negra” com foco voltado para os cabelos crespos. De antemão cito Jacoud (2002), pelo o qual procurei pensar a respeito de racismo e preconceito racial durante todo desenvolvimento da atividade crítica pedagógica. Ele considera o racismo uma ideologia que apregoa a existência de hierarquia entre grupos raciais. Já o preconceito racial será entendido como toda predisposição negativa em face de um indivíduo, grupo ou instituição assentada em generalizações estigmatizantes sobre a raça a que é identificado. A discriminação racial é definida como toda e qualquer distinção, exclusão ou preferência racial que tenha por efeito anular a igualdade de oportunidade e tratamento entre os indivíduos ou grupos.

Esses três conceitos foram base de meu trabalho, que procurei desenvolver com as turmas que leciono. Assim, como a professora Edwirges, procurei instigar os alunos a tentarem se perceber como pessoas cujos corpos e cabelos dizem muito disse. Neste sentido, a proposta de trabalho foi fazer com que os alunos aprendem a respeitar as diversas texturas capilares existentes, em especial a crespa.

IV - OBJETIVOS GERAIS

Refletir sobre a diversidade étnico-cultural para os alunos compreenderem que cada pessoa possui sua identidade própria, presente nas crenças, costumes, história e organização social e também na aparência física, fazendo com que os alunos pudessem perceber que os cabelos crespos não têm qualidade inferior a nenhum outro, que têm suas texturas e suas especificidades e, sim, promover o respeito às diferenças de qualquer gênero para a valorização do ser humano e da identidade cultural de todos os alunos, para que dessa forma mudanças significativas na prática social, sejam percebidas para que seja efetivado o desenvolvimento da consciência cidadã.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover o crescimento do aluno como ser crítico;
- Oferecer aos alunos conhecimentos que lhes permitam buscar a superação do racismo e preconceito;
- Proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre a riqueza dos cabelos crespos. Para aqueles que tem poder usá-los sem se sentir inferior e para quem não tem jamais subjugá-los como sendo inferiores;
- Estimular o respeito às pessoas e exclusão de qualquer tipo de discriminação racial;

V - PLANEJAMENTO DA SEQUENCIA DIDÁTICA

Ao elaborar as sequencias didáticas busquei refletir sobre os alunos aos quais iria trabalhar, muitos pertencem a periferia da cidade de Nova Lima. A diversidade de estilos de vestimenta dos alunos é muito visível como também são visíveis a orientação sexual e o modo de usar variados penteados nos cabelos. Isso chamava minha atenção antes de sair da escola em licença-maternidade. E logo depois que eu deixei de alisar os cabelos, chamava minha atenção qualquer pessoa que percebia que praticava tal ação. Sempre quis desenvolver alguma atividade que inteirasse os alunos a respeito dos diversos tipos de cabelos, em especial, os crespos, pois, comprovadamente são as maiores vitimas de preconceito, pois são considerados feios e os que mais passam por

transformações para que se tornem lisos. Além do mais sempre foram e são alvos de piadas no ambiente escolar em que trabalho.

Os alunos da Escola Estadual Augusto de Lima do 3º ano EJA, são em sua maioria alunos trabalhadores que precisam estudar a noite para trabalhar durante o dia, e por isso até pensei que algumas atividades de pesquisa por parte deles poderiam não dar certo, considerando minha experiência com esse público há alguns anos. Então decidi preparar materiais impressos, bem como levar os vídeos, como forma de aproveitar bastante o tempo durante as atividades propostas, pois estava desenvolvendo as atividades em horário de outro professor. A direção da escola embora tenha autorizado a execução das atividades só percebeu seu desenvolvimento ao final das apresentações porque alguns alunos precisaram de recursos didáticos nos quais era cedido por pessoas da secretaria.

5.1 - AULA 1 A LEI 10639/03

ATIVIDADE: Entender como a Lei 10.639 contribui para a superação dos preconceitos e atitudes discriminatórias por meio de práticas pedagógicas de qualidade, que incluam o estudo da influência africana na cultura nacional.

OBJETIVO: Tornar conhecida a lei 10.639/03 e provocar a reflexão das práticas das mesmas.

METODOLOGIA – aula dialógica e interativa

Logo depois de me apresentar, falei da importância do desenvolvimento da EREER - Educação das Relações Étnica - raciais nas escolas e quais eram meus objetivos ao desenvolver as atividades nas turmas; elaborei *slides* que informavam sobre as Leis 10.639/03. As abordagens sobre essa lei foram:

1. Quais os objetivos?
2. Quais são as dificuldades de aplicação?

3. O material didático brasileiro já está de acordo?
4. De quem é a responsabilidade pelo cumprimento?
5. Como os alunos podem participar?

Como forma de sensibilizá-los para aula, solicitei aos alunos que fizessem suas dúvidas sobre as diferenças étnicas e culturais que os cercavam. As perguntas foram elaboradas em casa e trazidas para serem discutidas durante aula. Ao final abri espaço para as indagações dos alunos. Essa aula foi importante porque os alunos pouco sabiam a respeito da Lei 10.639/03. Segundo o professor Eduardo de Assis Duarte (2006), a não adequação à lei está relacionada, basicamente, a três fatores: despreparo e desconhecimento dos professores com relação ao tema; pouco material de estudos produzido sobre a história e cultura dos afro-brasileiros no Brasil; preconceito de algumas instituições. "*Quando a escola quer fazer, ela faz, inventa formas de suprir as carências*", afirma o coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

No entanto, as dúvidas foram esclarecidas e os alunos aprenderam um pouco mais sobre a lei também sobre as abordagens que fiz sobre ela.

5.2- AULA 2 - PRECONCEITO RACIAL EXISTE SIM

ATIVIDADE: Descobrir as práticas racistas no ambiente escolar

OBJETIVO: Verificar se já havia ocorrido ou se estava ocorrendo práticas racistas entre os alunos e/ou entre outras pessoas.

METODOLOGIA: questionário de diagnóstico, vídeos e roda de conversa.

Retomei à atividade anterior que dizia respeito às dúvidas em relação às Leis 10.639/03 e as DCN/RE's e, após discussões entreguei o questionário (em anexo) para conhecer um pouco mais sobre o público. O meu objetivo com o questionário era entender se os alunos ao responderem a questão número 8, que dizia respeito às algumas das diversas formas de preconceito racial, sentiriam-se à vontade ou não para relatarem tais ocorrências. Alguns questionários também estão em anexo, por apresentarem relevância nas respostas.

Em seguida, exibi os vídeos “Excelentes Comerciais”, disponível no *you tube*. Por último, os alunos sentaram-se em grupos de quatro pessoas, para discutirem as respostas dos questionários e opinaram sobre os vídeos apresentados.

Pela discussão que fizeram entre si, percebi que os alunos tinham muito a escrever nas respostas dadas ao questionário, mas acho que por timidez ou vergonha não transformaram em textos os preconceitos, ou discriminações ou racismo que talvez tenham sofrido.

5.3- AULA 3: MEUS CABELOS SÃO ...

ATIVIDADE: Valorização dos próprios cabelos

OBJETIVO: Verificar se há racismo na escola por causa da textura crespa dos cabelos, desmitificando as denominações cabelos bons e cabelos ruins das pessoas.

METODOLOGIA: músicas, vídeos, debates e pesquisa.

Eu fiz slides que traziam as tabelas e explicavam sobre texturas capilares (ver tabela pag. 29). Preparei o xerox das seguintes músicas que trazem como tema cabelos crespos: *O Nêgo do Cabelo Bom* (Max de Castro) e *Respeitem meus cabelos brancos* (Chico César).

Primeiramente, ouvimos as canções. Em seguida, cada aluno tinha que dizer o que pensava sobre a textura de seus cabelos: liso, crespo, ondulado, cacheado, etc. enquanto as músicas tocavam bem baixinho.

Percebi que alguns alunos que tinham cabelos crespos ficaram acanhados para falar sobre a textura dos seus cabelos, talvez fosse por razões de já terem sofrido racismo por causa deles. Outros, porém, entenderam que a atividade era uma brincadeira e disseram: *são ruins mesmo professora* (risos entre eles). E ainda teve quem afirmasse: meus cabelos são crespos de maneira natural. Para terminar, exibi slides pelos quais mostravam depoimentos de pessoas que aceitavam seus cabelos, tais quais são e que denunciavam práticas racistas por causa dos mesmos. Entre famosos e anônimos, pessoas que relatavam o racismo já sofrido por terem cabelos crespos, além

do vídeo “Cabelo duro? ”, exibi um curta “Carolina afirma que não”, disponível no youtube. Pedi que cada um refletisse sobre as letras das músicas e sobre os vídeos. E como tarefa de casa, deveriam pesquisar casos, depoimentos de pessoas que tivessem sofrido racismo por causa dos cabelos crespos, ou que assumem a cabeleira crespa e são felizes. Enfim, eles tinham que reunir as informações e trazer para sala de aula para discussão.

Percebi nesta atividade muita interação na aula, porém muitos alunos sentem enorme dificuldade, ou talvez preguiça de escrever, expor ideias. A oralidade em relação aos depoimentos e ao vídeo tiveram excelentes comentários, porém quando o assunto é “Escreva, agora é a sua vez”, a vontade de fazer o trabalho acontecer é outra.

Abaixo alguns dos depoimentos trabalhados em sala de aula, que denunciam o racismo por causa da textura crespa dos cabelos.

"Já ouvi diversas vezes que meu cabelo não condiz com a minha formação. As pessoas não esperam que uma mulher negra seja formada em administração e muito menos que ela use black. Já aconteceu em um processo seletivo, o entrevistador com o meu currículo na mão, chamar o meu nome e ao me ver levantando, dizer: 'Não chamei você. Chamei a Kelly'". (Kelly Cristina Nascimento, 29 anos, de São Paulo (SP).



Estudante de Medicina da UFBR é vítima de racismo Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/>

“Desde os 12 anos, coloquei na minha cabeça que eu poderia me dar bem no futebol. Era um sonho, eu sabia. Então por segurança, estudava para ser torneiro mecânico. Enquanto eu vendia pasteis em

feiras livres, meus dois irmãos capinavam o jardim dos vizinhos. Mamãe oferecia tapetes nas ruas e papai era gari da prefeitura. A vida era difícil refrigerante e frango, só aos domingos. Na escola, como eu não tinha dinheiro para comprar doces na hora da merenda meus amigos diziam: “Também seu pai é preto e lixeiro”. Até hoje me lembro de um garoto branco, o Marcos. Ele era muito rico para os nossos padrões, mas era o único que não se incomodava com a minha cor. Era o meu melhor amigo. Tocávamos as roupas e ele deixava eu usar a dele muito mais caras e bonitas do que as minhas. Eu nunca ia às festas boas do meu bairro. Tinha medo da discriminação. Sei que os grã-finos me olhavam de maneira diferente, então procurava o povão em bailes funk. Tudo isso era triste para mim, mas a pior decepção foi quando me apaixonei pela filha de um marinho. Ele na o admitia vê-la ao lado de um negro de cabelo black power. E esse racista arruinou tudo. (Marcelo Pereira Surcin, o Marcelinho Carioca jogador de futebol).

"Em 2012, fui trabalhar como analista de social media em uma agência e eventualmente teríamos que visitar clientes. O dono da agência disse que, quando eu fosse falar com os clientes, eu deveria fazer chapinha. Na época, eu não tinha a noção de que isso era uma demonstração clara de racismo". (Taís Oliveira, 25 anos, de Guarulhos (SP)).

"Uma amiga arrumou para mim um emprego de babá. Ela contou para a contratante que eu tinha cabelo cacheado e a mulher perguntou se ele era 'para o alto'. A contratante pegou, então, o meu contato e viu a minha foto no WhatsApp. Mas, por causa da química que eu usava na época, o meu cabelo caiu e tive que cortá-lo bem baixinho. Quando cheguei na casa da família, a mulher ficou em choque e a primeira coisa que perguntou foi o que tinha acontecido com o meu cabelo. Depois, ela disse que tinha gostado do meu currículo, mas que a aparência também contava porque eles eram da alta sociedade, frequentavam lugares importantes e que, provavelmente, eu também iria. Ela tinha seis funcionários na casa: cinco eram negras e o motorista branco. Todas as negras tinham o cabelo liso" (Dayana da Silva Santiago, 27 anos, de Itaguaí (RJ))

"Em uma entrevista individual, me perguntaram se eu poderia alisar o cabelo e pintá-lo. Eu disse que não e eles me dispensaram. Em uma loja de sapatos, já ouvi que não fazia o perfil da empresa -- o lugar não tinha vendedores negros. Em um shopping, deixei o meu currículo e não deixaram eu fazer entrevista, porque eles tinham um limite de pessoas por dia. Eu tinha sido a primeira a chegar" (Jéssica Caroline da Silva Conceição, 23 anos, de Duque de Caxias (RJ))

"Em 2012, estava precisando loucamente trabalhar. Consegui uma entrevista e ao sair, minha mãe questionou o fato de eu sair com o black power solto e com uma flor rosa choque. Ao chegar na empresa, a supervisora me olhou de cima abaixo com uma expressão que achei que era 'ruim'. No fim, ela me contratou dentre vários candidatos bem mais qualificados porque, segundo ela, eu tinha 'muita atitude para

assumir minha cor e principalmente meu cabelo" (Débora Andrade, 32 anos, de São Paulo (SP))

Esses depoimentos acima estimularam muito os alunos no desenvolvimento das tarefas que foram incumbidas a eles, isso porque até então percebi que eles não estavam inteirados do que de fato deveriam fazer. Mas foram em pessoas comuns que eles se enxergaram, depuseram suas impressões, denunciaram o racismo nas poesias e valorizaram-se como afro-brasileiros que são.

E diante destas declarações podemos ver que embora a sociedade queira mascarar que não há preconceito, e discriminação racial, eles existem sim, e de maneira clara e evidente. Entretanto, apesar das discriminações e dos preconceitos sofridos pela classe negra pela escolha de sua estética, há produtores e fornecedores assim como, os profissionais da beleza, que comercializam explicitamente produtos destinados ao consumo da população negra, abrangendo uma variedade de produtos especializados e de uso pessoal para os mais diversos fins, onde os destinados a manutenção do cabelo englobam uma grande pluralidade. Diante da variedade dos produtos de beleza, pessoas que antes se consideravam morena ou mulata passaram a se considerar negra e a consumir os referidos produtos, disseminando desta forma, o aumento da beleza, levando a um aumento de autoestima, gerado pela satisfação com a aparência pessoal fomentando assim a construção de sua identidade.

- AULA 4 - POESIAS SOBRE OS CABELOS

ATIVIDADE: Avaliar a construção de poesias elaboradas pelos alunos a cerca dos cabelos crespos

OBJETIVO: Construir poesias críticas a respeito sobre o racismo por causa dos cabelos

METODOLOGIA: músicas e elaboração de poesias.

Voltei à sala de aula com as músicas (“O Nêgo do Cabelo Bom” (Max de Castro) e “Respeitem meus cabelos brancos” (Chico César)) e as pesquisas feitas em casa.

Após ouvirmos as canções, pedi aos alunos que construíssem poesias que estivessem como tema: “Os cabelos crespos”. Esclareci que estavam livres para falarem dos cabelos deles ou que caso quisessem, ou poderiam fazer alguma denúncia de racismo em relação aos cabelos, já que textos do gênero Poema possibilitam esse tipo de construção ou ainda que construíssem a poesia que valorizassem os cabelos crespos. Lembrei-lhes da aula anterior.

Uma aluna me questionou em segredo se não poderia descrever um caso de racismo, por causa dos cabelos sofrido por ela ao invés de poesia, eu disse que sim, poderia! E assim o fez (ver anexo).

A seguir exemplos de poesias a seguir:

Poesia da aluna Cibele Santos, 3º ano:

Cabelo Duro,

Cabelo duro?

Duro é essa sua falta de respeito

Esse pensamento preconceituoso

Mas me faz um favor:

Joga esse seu pensamento fora

E deixe o meu cabelo solto como o vento

Meu cabelo é lindo, perfeito

Ele vai ficar assim:

Solto, preso ou black,

Quando eu quiser enfim

O cabelo é meu e eu faço com ele

O que eu quiser

Caras Pretas – João Victor, 3º ano

Caras pretas pintando o cabelo

Caras pretas alisando cabelos

É assim que se vive a copiar

No país bom de morar

São pretos, nas senzalas
São pretos na cozinha
São pretos pedindo esmolas
São pretos varrendo salas

Aquele cara preto, mais um suspeito
Longe do mundo de estudos
Caras pretas dando o peito
Fazendo cimento, levantando muro

São pretos sofridos
São pretos calados
São pretos mudos
No seu mundo enfadado

AULA 5 - HISTÓRIAS CRUZADAS

ATIVIDADE: Assistir ao Filme Histórias Cruzadas que é um filme de drama, baseado no livro romance homônimo de Kathryn Stockett. O filme é um retrato sobre uma mulher caucasiana, Eugenia “Skeeter” Phelan, e o seu relacionamento com duas empregadas negras durante a era americana dos Direitos civis nos Estados Unidos de 1960. Skeeter é uma jornalista que decide escrever um livro da perspectiva das empregadas (conhecido como The Help), mostrando como elas estão sofrendo racismo na casa de brancos.

OBJETIVO: fazer com que os alunos percebessem, além das inúmeras práticas racistas ao longo do filme, com o uso de perucas pelas personagens negras nas cenas, como forma de esconder suas origens para atender aos interesses de outros personagens brancos na trama. Fazer também com que os alunos reconheçam seus cabelos sempre como identidade de maneira que não precisassem recorrer a nenhuma técnica de alisamento, para atenderem padrões de beleza estenotipados pela sociedade.

METODOLOGIA: filmes, associação com atividades passadas, roda de conversa

Pedi aos alunos que se atentassem às práticas racistas ao longo do filme e que, principalmente, atentassem à maneira como as empregadas negras mudavam suas aparências capilares para atender à aparência física exigida por suas patroas brancas, nos anos 60, nos Estados Unidos da América. Na aula seguinte, fizemos uma roda de discussões a respeito do filme e as leituras dos textos produzidos pelos alunos. Abaixo algumas opiniões acerca do Filme Histórias Cruzadas:

“Muito bom o filme, realmente não esperava que fosse tão interessante, a parte que revela o motivo da senhora Constantine ter saído de cena foi bem emocionante, a atriz com poucas palavras fez muito, o filme todo foi muito bom e no mínimo uns 10 de nota.”
Karine Pio, 3º ano EJA

“Eu gostei muito desse filme, a história e o tema principal me agradaram muito, me surpreendi de como era tão grande o racismo naquela época, que horror, dá uma indignação e ao mesmo tempo você torce para a "vingança" das protagonistas.”

Carlos Augusto, 3º ano EJA

“ Como assim né? Eu sempre pensei que as pessoas alisavam os cabelos porque queriam e não para imitar, servir alguém, agora fala sério... Usar peruca tendo cabelo e não porque teve alguma doença, é demais!”

Samanta de Moura, 3º ano EJA

Nesta atividade, sei que muitos alunos ficaram sensibilizados com muitas cenas racistas, mas ainda assim, surgiram dúvidas sobre o alisamento, como foi o caso de Samanta, ao achar que práticas como as mostradas no filme aconteceram naquela época, como pensava o Carlos Augusto. Daí a emergência de atividades como esta, pois o repasse da história africana no Brasil e da afrodescendência é nulo ou ínfimo.

AULA 6 - IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: OS CABELOS SÃO CRESPOS SIM!

ATIVIDADE: Finalização das atividades sobre a identidade afro-brasileira a cerca dos cabelos crespos.

OBJETIVO: Reconhecer que os cabelos crespos também informam sobre a identidade das pessoas, assim como quando se vestem, como penteiam e enfeitam seus cabelos e que nenhum tipo de cabelo deve ser considerado inferior a nenhum outro.

METODOLOGIA: socializando impressões e opiniões quanto ao filme e às poesias.

Fizemos primeiramente um círculo, no qual discutimos sobre o Filme Histórias Cruzadas. Em seguida, os alunos reuniram-se em grupos para lerem suas construções poéticas, e opinaram a respeito da construção e todo trabalho desenvolvido. Após, elegeram entre as construções que mais lhes chamaram atenção, produziram opiniões e colocando imagens de pessoas que tem cabelos crespos e estão sempre procurando valorizá-los.

A seguir, um cartaz de um grupo de trabalho de alunos que tinha uma capa bem interessante, pois valorizou os cabelos crespos em vários rostos negros.



VI - Avaliação e Análise Crítica Geral da Prática Pedagógica

A avaliação e análise crítica que faço dessa prática é muito positiva no tocante ao que propus como objetivos gerais: Refletir sobre a diversidade étnico-cultural, sobre

identidade capilar crespa, promovendo o respeito às diferenças de qualquer gênero enquanto ao estilo de vida. Teria sido muito mais interessante se eu estivesse trabalhando para torna-lo um projeto para toda escola, mas o quadro de situação funcional em que me encontrava impossibilitou tal ação.

Conforme combinado com a professora Edwirges Neves, as atividades corresponderam à substituição de um trabalho e mais uma avaliação escrita da etapa. Penso que isso tenha motivado ainda mais a participação dos alunos, mas também houve casos de quem não quis participar ou deixou de fazer todos os trabalhos por variadas razões.

Em Nova Lima, as turmas de EJA, o número de alunos não passa muitas vezes de 25, fora as desistências e abandono dos estudos ao longo do ano. A participação de alunos do sexo masculino foi muito pequena e eu, particularmente, esperava que mais homens preenchessem as carteiras da turma, uma vez que vem deles, na maioria das vezes, o preconceito com relação aos cabelos, principalmente na fase da juventude. Fase em que as escolhas pelo sexo oposto tornam-se motivo de orgulho exibicionismo, principalmente, quando a parceira tem cabelos lisos.

Eu não quis afirmar, no entanto, que homens não sofrem racismo por causa dos cabelos, por apenas confirmar que o índice de racismo em relação aos cabelos sofridos por mulheres é bem maior. Entretanto, essa impressão emergiu. A perplexidade dentro da sala foi grande, alguns alunos se emocionaram no momento em que exibia os slides que traziam os depoimentos das pessoas que sofreram racismo por causa dos cabelos.

Minha atividade chegou ao fim, porém, sem esgotar o tema do cabelo como identidade afro-brasileira. Meu trabalho no campo demonstrou que diversos outros assuntos podem ser trabalhados a partir dos rituais capilares observados, rendendo, certamente, outros títulos acadêmicos. Seria possível, por exemplo, explorar a questão dos tipos ideais de beleza idealizados pelos alunos, tanto em oposição aos tipos reais de beleza dos seus fenótipos quanto em relação à valorização da aparência em detrimento da saúde. Ainda em relação à aparência, é possível aprofundar mais a discussão sobre a beleza “natural”, no que diz respeito à realidade versus a aparência: o cabelo não precisa ser realmente disciplinado, mas sim, parecer naturalmente disciplinado para que seja mais valorizado que os demais tipos de cabelo.

VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a população negra constituir grande parte da sociedade brasileira, somente a partir da Lei nº 10.639 de 2003 que tornou obrigatório o ensino da História da África e dos afro-brasileiros no Ensino Fundamental e Médio, as escolas ampliaram a reflexão e discussão sobre o papel e a posição do negro em nossa sociedade, embora não se levou em consideração aqui nenhum percentual de abordagem da obrigatoriedade do cumprimento da Lei 10.639/03.

Por isso, há necessidade de conscientizar acerca das práticas e representações que configuram o racismo, apresentando aos alunos a verdadeira história e tradição do povo negro no Brasil, de maneira íntegra, sem estereótipos que distorçam e não retratam, fielmente, a trajetória dos descendentes de africanos, sem mensagens subliminares que consolidam uma sociedade racista e excludente.

Assim sendo, para desenvolver práticas pedagógicas que envolvam História da África e dos afro-brasileiros, deve-se, em primeiro lugar, pensar os objetivos traçados para cada atividade pensada, para que em conjunto, tais atividades possibilitem aproximar nossos alunos da riqueza cultural afro-brasileira. Riqueza no que diz respeito aos modos de vestir, pois influencia na linguagem e no uso dos cabelos crespos naturais, quando se aprofunda nos estudos das fortes raízes culturais africanas, visando elevar a autoestima da criança negra e sua percepção e atuação sobre si mesma e seu lugar no mundo.

É crescente o número de mulheres e homens que estão assumindo a cabeleira *black power* ou simplesmente seus cabelos crespos. Elas e eles estão colorindo as ruas com as cores vibrantes e seus belos penteados feitos nos cabelos. A aceitação da estética preta parece estar crescendo, mas a cada passo que se dá em favor dessa identidade é um direito à “normalidade”, de apenas poder ser o que se é. Entretanto muitas pessoas ainda sofrem ataques racistas vindos de comentários naturalizados, que depreciam suas características, principalmente os cabelos. Por essa razão, realizei a pesquisa sobre os cabelos afros e propus a intervenção com a turma de EJA, na escola Estadual Augusto de Lima.

Vídeos e blogs sobre a beleza dos cabelos da mulher, do homem e da criança negra estão aumentando, e são extremamente importantes no que diz respeito à

representatividade e, por isso, roam meus recursos didáticos de sensibilização e fomentação de debates e expressões em linguagens poéticas e visuais, sobre suas opiniões. Contudo, faltou trabalhar tais opiniões e linguagens no mundo virtual e redes sociais, até mesmo pela questão de tempo, pois percebo mensagens compartilhadas, nessas, são justamente aquelas que ganham muitos destaques na mídia e povoam a mente dos jovens e adultos que as usam.

A falta de representatividade positiva, que a população negra sofre, deixa nas pessoas uma lacuna identitária que, na maioria das vezes, é preenchida por elementos que não refletem a população negra no geral. Essa lacuna os persegue por toda a vida e, se não são cautelosos e atentos, reproduzem todo auto ódio que outras pessoas ensinam a sentir de si mesmos. O cabelo, o nariz, a cor: tudo acaba virando alvo de reclamações, insatisfações e desejo de afastamento do fenótipo que lhe é natural.

Iniciar os trabalhos com alunos, mesmo que poucos que considera racista alguém que defende a igualdade entre negros e brancos, tal qual já comentei anteriormente, não foi tarefa fácil. Corri o risco do aluno se desinteressar. Mas, procurei me remeter à importância da educação no processo da aprendizagem sobre a Lei 10.639/03.

Desde a mais tenra idade, deve-se trabalhar o assunto, privilegiando a questão da identidade, do respeito à diversidade e da auto aceitação. Toda a comunidade escolar deve estar inserida no desenvolvimento da prática pedagógica e não apenas os afrodescendentes, de forma em que fique claro que conhecer as variadas culturas é essencial, pois desperta na criança o respeito pelas outras pessoas independentemente da raça. Isso não é diferente quando se trabalha com jovens e adultos, como foi feita com minha proposta de discutir o pertencimento racial a partir dos cabelos crespos. Não obstante, para tal, é fundamental divulgar o lado positivo da história negra, não apenas as questões de escravidão, miséria e sofrimento, proporcionando situações didáticas centradas em dinâmicas, vivências, ações e reflexões, mas, sobretudo, no estímulo à criticidade e na resolução de problemas que possibilitem aos alunos a pensarem na questão de forma ética.

As próximas gerações não podem abrir mão de viver, não podem abrir mão de sonhar. Um mundo melhor, não sei se existe, é nesse mundo concreto que estamos vivendo e que estamos lutando e cada um deixando para as gerações mais jovens a consciência da mudança. Transmitindo essa

consciência para as outras gerações, e assim continuar a vida.
(MUNANGA, 2005:54)

A pedagogia das práticas realizadas visou transformar o espaço escolar em um espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. Assim o status de igualdade de tratamento ético será conseguido quando o professor estiver atento para contemplar alunos negros e brancos, democraticamente, nas pequenas atividades do dia a dia, através de instrumentos ou ferramentas pedagógicas afros. Contar histórias em que apareçam crianças negras como protagonistas vivendo situações cotidianas, buscar epopeias de povos africanos com seus heróis e suas sagas, procurar imagens de famílias negras, profissionais negros, políticos, escritores, cientistas negros, para estar lado a lado dos brancos já colocados nos murais e estudos escolares, e valorizar o uso de lenços nos cabelos ou penteados afros.

O tema Identidade Afro-brasileira: os cabelos são crespos sim, vem ensinar em meio a relações étnico-raciais, portanto em contextos de sociedades multiculturais como a nossa, é amplo, vasto e permite muitas aproximações. A que aqui venho apresentar é uma, feita a título de introdução à temática que deve ser tratada desde múltiplas perspectivas, coordenadas, encadeadas. No Brasil, temos de tratar juntos bem como aprender a respeitar as origens capilares indígenas, afrodescendentes, descendentes de europeus e de asiáticos, sem medo das tensões, abertos a nossa diversidade, sem querer ninguém ser o melhor, o superior. O resultado apresentado pelos alunos representou uma forma de mostrar para os outros que é necessário o reconhecimento de si mesmo e do outro sempre respeitando as origens. Tenho certeza que eles (meus alunos) estão mais críticos. A partir de então podemos considerar que a formas de cabelo adotadas por cada indivíduo pode indicar o seu estilo de vida, assim como o seu modo de pensar, viver e se sentir no mundo. Sendo assim elas demonstram como uma comunidade se vê e se afirma perante a sociedade.

VIII- Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 123 p.

BENTO, Maria Aparecida Silva (Organizadora). Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade – CEERT. 2011

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

BRASIL, Planalto. Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-V2010/2010/Lei/L12288.htm.

DANTAS, Maria José Pereira **A implementação das leis 10.693/2003 e 11.645/2008 - que obrigam o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.** Texto apresentado no 3º FÓRUM DE LIDERANÇA NEGRA DA PARAÍBA, compondo a Mesa Redonda: Implementação da Lei 10.639/2003 e das cotas raciais nas instituições de ensino.(12/04/2012). Disponível em <http://mjdantas.blogspot.com.br/2012/10/a-implementacao-das-leis-106932003-e.html>

-D'ADESKY, Jacques. *Racismos e anti-racismos no Brasil*; pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. Igualdade Racial. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-V2010/2010/Lei/L12288.htm.

FELIX, Marcelle - Para Além dos Fios. Disponível em <http://of.org.br/noticias-analises/para-alem-dos-fios/> 08/03/2014.

GOMES, Nilma. Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GOMES, Nilma. Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debates Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão (2012)

_____. *Betina*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

_____. Education, black identity, and teacher education: a look upon the black body and hair. *Educ. Pesqui*, São Paulo, v. 29, n. 1, 2003.

_____. (Org.). *Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003*. Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

_____. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZAGA, Yone. *Resistências negras: Ressignificando nossas lutas*. Dissertação de Mestrado. 2011

HOOKS, BELL. Alisando o Nosso Cabelo. *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba*, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html

JACCOUD, Luciana Ramos de; BEGHIN, Nathalie; IPEA. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002. 151 p.

LODY, R. G. da M. *Cabelos de Axé: Identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004. 136p.

MORAES, L. M. S.; MORAES, W. S. A revolta do Malês nos livros didáticos de história e a lei 10639/2003: uma análise a partir da “epistemologia social escolar. In: MONTEIRO, A. M. F. C. et al. *Pesquisa em ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 209-223.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

MUNANGA, Kabengele (Org.) *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986. 88p

_____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, (RJ): Vozes, 1999. 140p.

RIBEIRO, Matilde. (Org.). *As políticas de igualdade racial: reflexões e perspectivas*. São Paulo. ed. Perseu Abramo: 2012. 287p.

SILVA, Mariliza da. *Narrativas Afro-Brasileiras: Resgatando A dignidade através da Literatura*. Curitiba(PR).2010

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

WALKER, Andre. *Andre Talks Hair*. Fireside. 1998.

Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília (DF): Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, [2004]. 102 p (Internet)

www.segredosdesalao.com.br/ acessado em 14 de janeiro de 2015.

\video: <https://www.youtube.com/watch?v=d1d0JxGTGOg> Cabelo duro? Carolina afirma que não! <acessado em 10 de novembro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=HHIX8f2kskg> <Comerciais interessantes <acessado em 10 de novembro de 2015.

<http://www.afreaka.com.br/notas/black-power-instrumento-de-resistencia-e-cultura/>

IX- ANEXOS

1-Músicas trabalhadas.....	52
2-Questionários e textos dos alunos.....	53
3- Fotografias.....	59

1- Músicas trabalhadas

a- O Nêgo do Cabelo Bom- Max de Castro

Muita gente implica com meu pixaim
Mas o que me implica é que o cabelo é bom
E quando isso me irrita vai ter briga sim
Porque não aceito discriminação

E quando vou a praia alguém sempre diz prá mim

Teu cabelo é duro, entra água não
Se é impermeável isso é problema meu
Na verdade o que é duro é o seu coração

Alisa ele não
É o que minha nêga sempre diz prá mim
Alisa ele não
Você é meu nêgo do cabelo bom
Alisa ele não
É você quem dita a moda em Paris

Não sou vasilina
Não vacile não
Não sou vasilina

Não vacile não- Respeitem Meus Cabelos Brancos- Chico César

Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar

2º Eja A

Questionário -

1-Sexo

 a- feminino

b- masculino

2-Faixa Etária

a- de 14 a 16 anos

b- de 17 a 19 anos

 c- mais de 20 anos

3- Você se considera :

 a- branco

b- indígena

c- negro

d- pardo

4- Em relação ao preconceito racial por causa dos cabelos:

 a- Existe, porém é ignorado

b- Existe e é discutido

c- Existe porém não declaradamente

d- Não existe.

5- Já utilizou produtos químicos para alisar os cabelos?

a- Não

 b- Sim

6- Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

 a- Não

b- Sim

7- Se sim, o preconceito foi em relação:

 a- Cabelo

b- Cor

c- Estético

d- Orientação sexual

e- Religião

f- Outros

8- Responda caso queira relatar (se necessário utilize o verso):

Ufa minha família tem 2 pessoas que são
negras racistas pois não aceitam sua
cores e pessoas da mesma cor

Questionário -

1-Sexo

feminino

b- masculino

2-Faixa Etária

a- de 14 a 16 anos

b- de 17 a 19 anos

mais de 20 anos

3- Você se considera :

a- branco

b- indígena

c- negro

pardo

4- Em relação ao preconceito racial por causa dos cabelos:

a-Existe, porém é ignorado

b-Existe e é discutido

Existe porém não declaradamente

d-Não existe.

5-Já utilizou produtos químicos para alisar os cabelos?

a- Não

Sim

6- Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

Não

b- Sim

7- Se sim, o preconceito foi em relação:

a- Cabelo

b- Cor

Estético

d- Orientação sexual

Religião

f- Outros

8- Responda caso queira relatar (se necessário utilize o verso):

Sempre me incomodou meu cabelo amarelado e seco. Eu queria ficar com o cabelo alisado quando dançava, depois que secava, ao sair da piscina ou do mar e aca para ~~brunando~~ fazendo um rabo de cavalo, pois o cabelo ficava apalhado e se passasse um pente nos meus cachos ficava pior. Devido a isso ^{com} meu cabelo muito →

ondados e secos, eles não cruseiam. E quando
passava alisante, meu cabelo rebuntava. Quando
a altura comprimento ultrapassava os ombros
era uma maravilha. A minha que tinha cabelo
mais liso e oleoso, o cabelo dela curava, vindo bater
na lombar. Era moda, estávamos saindo dos anos
70. As garotas usavam cabelo comprido. Principal-
mente as garotas das escolas tinham cabelos compridos.
Eram seguidas de si. Sempre achei o cabelo comprido
bonito. Eu sentia mal, aliás até hoje, me incomo-
da se vejo alguma heroína de filme ou livro
ter os cabelos curtos. E coincidentemente sempre fui troca-
da, pelos meus namorados, por uma garota de
cabelos lisos e compridos.
Muito religiosa é um ponto que aprendi a ficar mais
calada. Pois religião cada um tem a sua. E hoje
eu não tenho nenhuma.

Questionário -

1-Sexo

feminino

b- masculino

2-Faixa Etária

a- de 14 a 16 anos

b- de 17 a 19 anos

mais de 20 anos

3- Você se considera :

a- branco

b- indígena

negro

d- pardo

4- Em relação ao preconceito racial por causa dos cabelos:

a-Existe, porém é ignorado

b-Existe e é discutido

c-Existe porém não declaradamente

d-Não existe.

5- Já utilizou produtos químicos para alisar os cabelos?

a- Não

b- Sim

6- Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

a- Não

b- Sim

7- Se sim, o preconceito foi em relação:

a- Cabelo

b- Cor

c- Estético

d- Orientação sexual

e- Religião

f- Outros

8- Responda caso queira relatar (se necessário utilize o verso):

Me chamavam de Maraca
cabelo cruim e que me jogaram
na terra ao nascer

Questionário -

1-Sexo

- a- feminino b- masculino

2-Faixa Etária

- a- de 14 a 16 anos
 b- de 17 a 19 anos
 c- mais de 20 anos

3- Você se considera :

- a- branco
 b- indígena
 c- negro
 d- pardo

4- Em relação ao preconceito racial por causa dos cabelos:

- a- Existe, porém é ignorado
 b- Existe e é discutido
 c- Existe porém não declaradamente
 d- Não existe.

5- Já utilizou produtos químicos para alisar os cabelos?

- a- Não
 b- Sim

6- Já sofreu algum tipo de preconceito racial?

- a- Não
 b- Sim

7- Se sim, o preconceito foi em relação:

- a- Cabelo
 b- Cor
 c- Estético
 d- Orientação sexual
 e- Religião
 f- Outros

8- Responda caso queira relatar (se necessário utilize o verso):

em um certo dia eu resolvi colocar tranças, quando cheguei na casa da minha sogra, ela começou a dizer nossa D ficou muito feia, pra que você colocou isso na cabeça, você ficou enojosa, Tia indo e suas manelias na tua casa por você ficar mais velha, passa um crime pra Tia e suas manelias, não gostei do seu cabelo, fiquei muito triste por não estar na mesma lida e nunca mais voltei lá. mais o gosto do meu cabelo como ele é assim: D.N.T.S.P.

Nota: Optou-se por trabalhar na questão nº 3, alternativa C, a palavra negro e não preto conforme sugere a classificação do IBGE.

28/03/2016

Meu nome é Aline, venho por meio desse resumo falar um pouco da minha experiência. Há muitos anos da minha infância vinha relaxando o meu cabelo, eu não tinha muita escolha pois sofria muito bullying. Uma coisa a qual eu não deixo nem aos meus piores inimigos, porque isso dependendo da pessoa pode levar até suicídio por conta desses preconceitos de pessoas tão imaturas, com pequenas capacidades de perceber que as pessoas gostam de ser das mesmas, de se sentir bem consigo mesma. Assim tomei uma decisão de deixar meu cabelo "afro" como eu disse antes ser eu mesma, eu optei por ir cortar aos poquinhos, mas tem varias formas, o bom de tudo é que tive muito apoio da minha mãe, amigos e etc... Mas só que também tive muitas criticas e claro que veio de pessoas preconceituosas, mas eu não deixarei facil não é passar pela transição é uma das piores coisas so que você (jovem, mulher, Rapaz) tem que ter sempre em mente que você vai ficar libertos de todos os tipos de relaxamento químico compensar muito com o tempo você acostuma e não quer mudar mais ai tudo melhora, seu auto-estima fica sempre pra cima seu semblante fica alegre e acaba que você faz uma das principais melhor escolha de sua vida.

Lembrando que não vai ser facil, mais também não vai ser enpulsivel, basta ter coragem e forca de vontade.

Aline Fonseca da Silva

3-FOTOGRAFIAS

1-



Foto: Gisele Cristina

2-



Foto: Gisele Cristina

3-



Foto: Gisele Cristina

Nota 2: Fotos 1,2,3: Grupos de alunos explicando sobre a diáspora de africanos no Brasil e a origem dos cabelos crespos.

4-



Foto: Gisele Cristina

5-



Foto: Gisele Cristina

6-



Foto: Gisele Cristina

7-



Foto: Gisele Cristina

Nota: Fotos 4, 5, 6 e7: Alunos recitando as poesias e outros alunos acompanhando com a leitura dos textos

8-



Foto: Gisele Cristina

9



Foto: Gisele Cristina

10-



Foto: Gisele Cristina

Nota 3: Fotos 8, 9 e 10: Alunos assistindo aos vídeos Cabelo duro, Carolina Afirma que não e as músicas Respeitem meus cabelos brancos e O Nêgo de Cabelo Bom